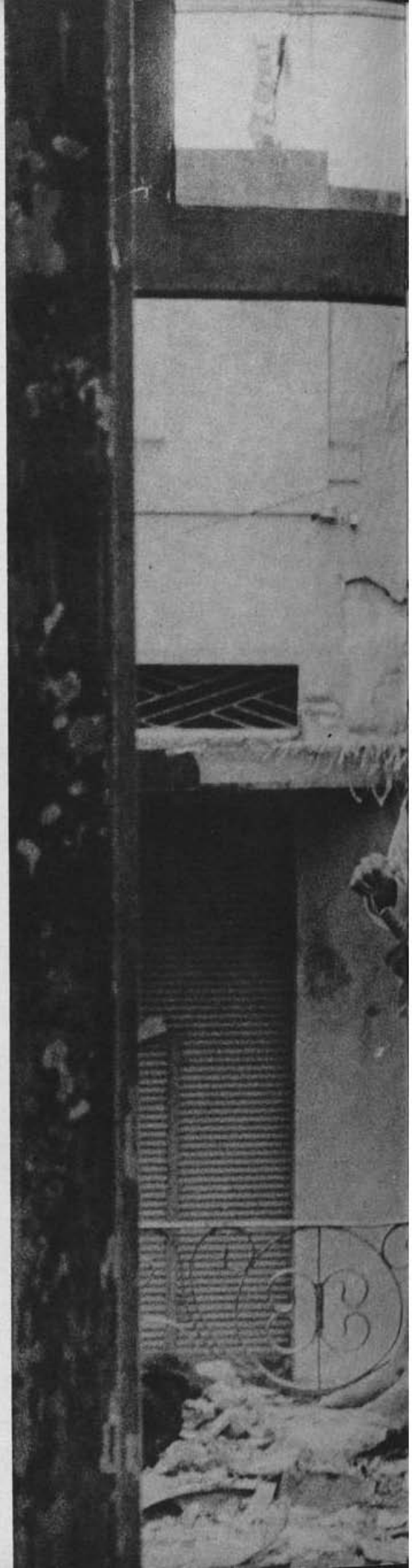
CURTA-METRAGEM: RODAR CATIVO

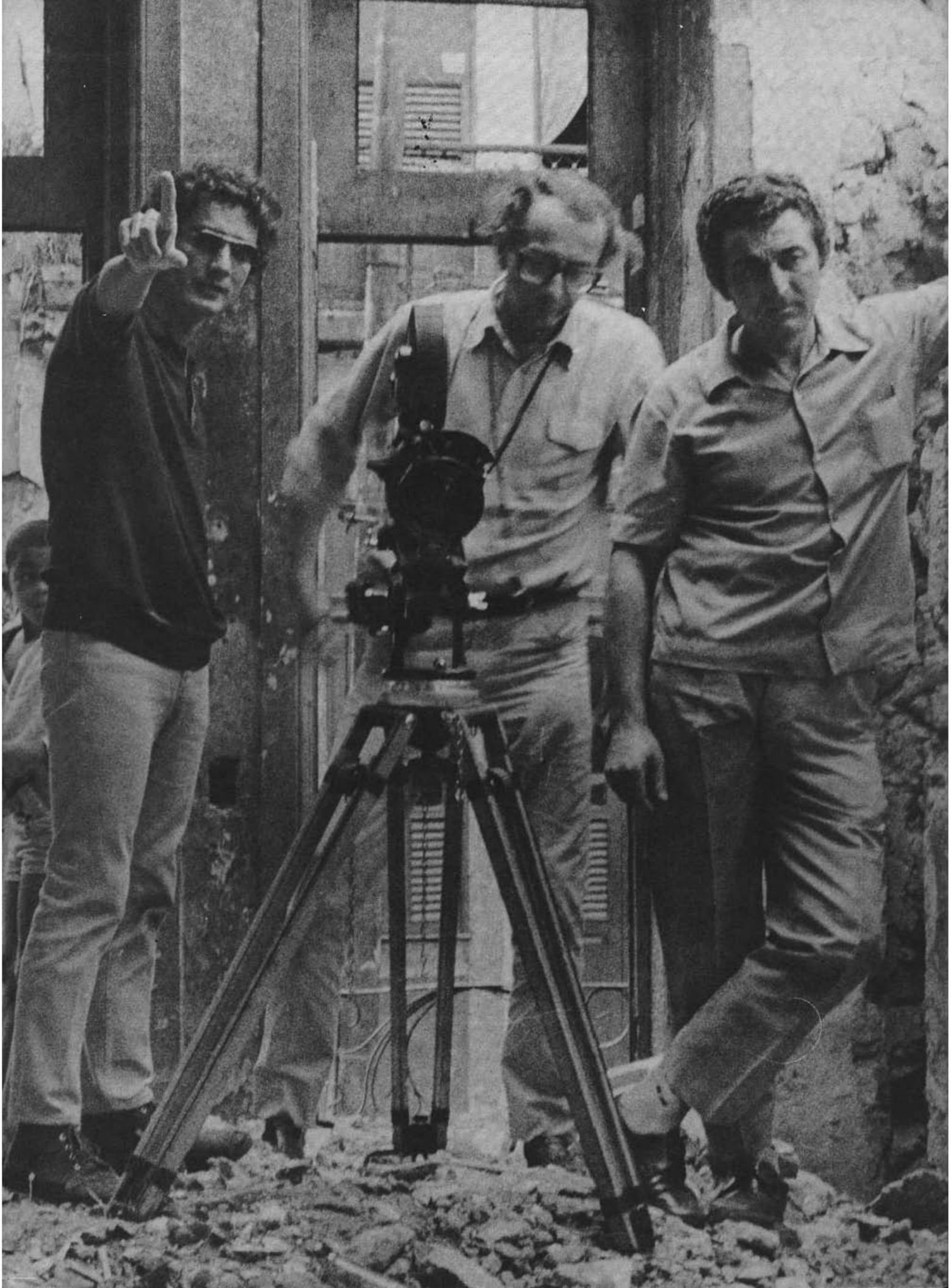
José Carlos Monteiro

Último refúgio da invenção, do aprendizado e da independência cinematográficas, o curta-metragem tem resistido dramàticamente ao descrédito e desamparo das entidades privadas e órgãos públicos e à marginalização sistemática dos exibidores, que o confundem com o cinejornal e o documentário de propaganda, relegando-o à existência semiclandestina. Fora dos circuitos de cinema de arte ou das sessões-relâmpago da Cinemateca do MAM, quase ninguém o vê. Nas salas de exibição, sua trajetória é meteórica, pois os 28 dias que lhe são reservados compulsòriamente pelo certificado de "Classificação Especial", do Instituto Nacional do Cinema, raramente são cumpridos — e, quando o são, é com reprises em péssimo estado ou com programação nas piores épocas do ano. Quem recorda, por exemplo, *O Circo*, reportagem sensível de Arnaldo Jabôr sôbre a decadência da arte clownesca nas grandes metrópoles? Aonde foi parar o documental *Heitor dos Prazeres*, retrato perspicaz do pintor-compositor da Praça Onze? E o documentário das condições infrahumanas no Maranhão, realizado por Gláuber Rocha em 1966, ou o exercício *arty* de Gustavo Dahl sôbre Ouro Prêto? Embora tenham sido exibidos nos cinemas comerciais, êsses filmes são, para a quase totalidade do público, peças fantasmagóricas, irreais, devido à estranha maneira como os exibidores os programaram em suas salas.

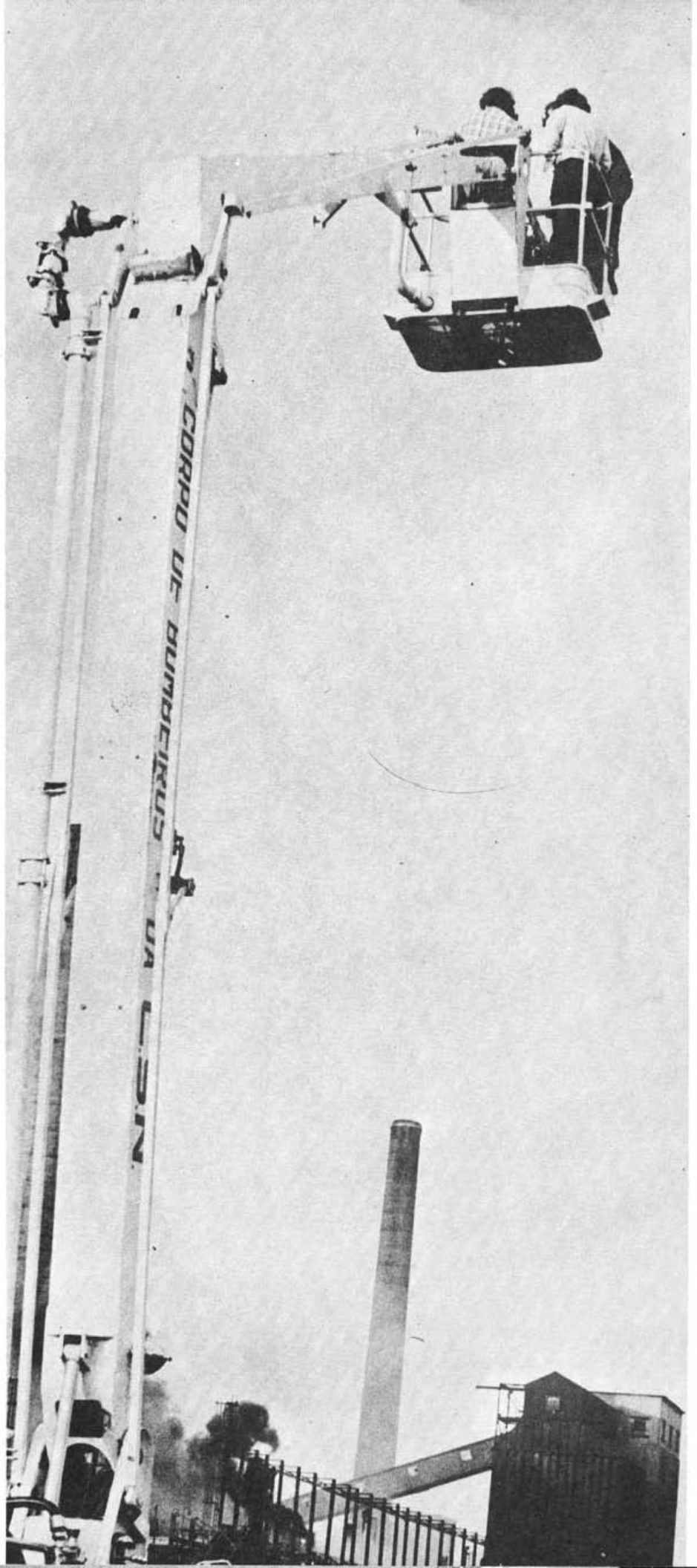
A despeito dos obstáculos, o curta-metragem continua a ganhar fácil do filme longo, em matéria de pesquisa de linguagem e poder de impacto dos seus temas, atraindo com renovada intensidade os que — como Sérgio Muniz, Vladimir Carvalho, Sérgio Santeiro, Joaquim



OLÍVIO DE ARAÚJO E MÁRIO CARNEIRO (COM A CÂMARA) PREPARAM UMA CENA DE **FARNESE**, UM DOS FILMES MAIS EXPRESSIVOS DO FESTIVAL DE CURTA-METRAGEM.



NA GRUA, SERGIO SANTEIRO E ROBERTO MAIA FILMAM A **COMPANHIA SIDERURGICA.**



Assis, Geraldo Sarno, Paulo Gil Soares, Ana Carolina Teixeira Soares, Antônio Carlos Textor, Haroldo Marinho Barbosa e outros — buscam traduzir as tensões e problemas contemporâneos, do Brasil ou do mundo, através dessa exuberante modalidade de criação cinematográfica. Não foi sem razão que Lucien Goldman, ante as experiências de gente como Walerian Borowczyk, Agnès Varda, Kenneth Anger, Alain Resnais, George Dunning, Alexander Kluge, Judit Vas, Santiago Alvarez, na área do curta-metragem, definiu o gênero como sendo o meio mais eficaz de descoberta e valorização das coisas e fenômenos que pareciam não existir aos olhos do cinema comercial, acomodado e conformista.

Sem mercado e sem apoio, o gênero propicia poucas possibilidades de êxito aos cineastas estreantes que se aventuram em seus domínios, à procura do primeiro treino prático. Nos países onde existe subvenção do Govêrno, os curta-metragistas subsistem na mira dessa ajuda. Quando a tentativa inicial malogra, dificilmente o estreante passa pela segunda e chega à terceira experiência: as dívidas de laboratórios, o filme virgem, as despesas de produção, fatalmente conduzem à desistência. Muitos conheceram essa desilusão — não sòmente em nosso país, mas também na Europa e nos Estados Unidos (onde, apesar de tudo, é fecunda a produção independente).

Como tentativa de divulgação e incentivo do gênero, o I Festival Brasileiro de Curta-Metragem constituiu um êxito categórico. Quase 100 filmes, mais de cinco Estados participantes, uma premiação estimulante (recompensas em dinheiro e mais a promoção conseqüente) e um nível realmente expressivo de experimentação e acertos: tudo isso contribuiu para transformar a mostra, patrocinada pelo INC e o "Jornal do Brasil", num acontecimento importante, êste ano. Mesmo sem abrir nenhum caminho nôvo ou sem propor formas originais para abordagem do gênero, o conjunto proporcionou argumentos aos que defendem a existência do curta-metragem no Brasil.

Dos 100 filmes apresentados à Comissão de Seleção (formada por Miriam Alencar, Alex Viany, Fernando Ferreira, Miguel Pereira, Jurandyr Noronha, Marcos Ribas de Faria e José Carlos Monteiro), foram escolhidos 27 para disputar os prêmios Humberto Mauro (troféu instituído pelo INC para ser distribuído anualmente). Pela seleção final, parecia que os escolhidos formavam um todo — de temas e tendências formais — já conhecido: documentários etnográficos e sociológicos, desenhos amadorísticos e despropositados, ensaios biográficos retóricos e *demodés*. Mas foi diferente. O quadro do que foi realmente o I Festival Brasileiro de Curta-Me-

O PALHAÇO DESAMPARADO ENCENA SEU ÚLTIMO SHOW. CENA DO DOCUMENTARIO OS EMAUS, DE EDUARDO DE AGOSTINI.

tragem aparece, ràpidamente esboçado, na resenha que segue.

ARTES & ARTISTAS

* *Eliseu Visconti* — Através de telas e velhos daguerreótipos, Eliseu Visconti Cavalleiro homenageia seu avô e homônimo, artista *fin de siècle* que introduziu o impressionismo no Brasil. O simplismo, a prolixidade e a ausência de rigor, somados ao tom "álbum de família", comprometem as intenções reminiscentes do diretor.

* *O Profeta de Feira de Santana* — A vida e a obra do pintor baiano Raimundo de Oliveira, autodidata que se suicidou em 1965, são o tema dêsse primeiro e despretensioso curto de Olney São Paulo *(O Grito da Terra, Manhã Cinzenta)*. Com técnica razoável e sobriedade narrativa (apesar da ênfase bombástica na ilustração musical), OSP transmite em rápidos lances a angústia e o misticismo que induziram êsse primitivo à morte.

* *Mestre Valentim* — Doze minutos de elegante reconstituição do Brasil do século XVIII, a partir dos trabalhos do notório Mestre Valentim, conselheiro artístico do Vice-Reinado de D. Luís de Vasconcelos. Colorido, com um texto menos repeticioso e dotado de outros recursos técnico-artísticos, seria mais interessante. De qualquer forma, revela em Gilda Bojunga uma autora a observar.

* *Ouro Prêto e Scliar* — Pràticamente, uma das obras brasileiras mais *réussis* na análise cinematográfica das artes plásticas. A câmara fluente e precisa de Antônio Carlos Fontoura penetra, durante dez minutos, na metódica intimidade de Scliar, mostrando seu *modus vivendi*, seus temas e seus amigos eu Ouro Prêto. Primoroso, como um quadro de Pancetti refeito por Guignard. Magnífica a iluminação em côres de Tiago Veloso.

* *Farnese: Caixas, Montagens, Objetos* — Olívio Tavares de Araújo, lançado pelo Festival de Cinema Amador do JB, em 1968, tenta descobrir os mistérios que animam as montagens plásticas de Farnese de Andrade. Através de um depoimento e de instantâneos do artista em sua atividade, capta a solidão e o ceticismo que estigmatizam apocalìpticamente suas caixas, objetos e dejetos. O *tour de force* do documentário reside, porém, na conciliação sensual, lúdica, das criaturas calcinadas de Farnese, com as resnaisianas imagens do jovem diretor, denotadoras de uma sensibilidade nada *faisandé*. *Farnese*, entrosamento instigante do mórbido com o salutar, credencia Olívio Tavares junto à crítica mais exigente e constitui uma magistral experiência. Deveria, no mínimo, figurar entre os três premiados do festival.

NA SELVA DAS CIDADES

* *Os Emaús* — Na desconhecida comunidade dos Emaús, centro de recuperação social e profissional de homens marginalizados ou desesperados, Eduardo Agostini elaborou uma reportagem sem nenhum virtuosismo, mas com intensiva sinceridade. O olhar do repórter vale mais do que os efeitismos. Documentário discreto mas convincente.

* *Ou Manaus* — Agradável surprêsa, êste ensaio cromático e rítmico sôbre a capital amazônica. O festival de *travellings* e *zooms* e as notações humanísticas a respeito do comércio, história e hábitos da *smiling city* do Norte encobrem o lado escolar (do texto) e o aspecto ingênuo (da estrutura) da fita.

* *Festa da Penha* — A popular festa religiosa dos subúrbios cariocas desfila ante nós em *flashes* desconexos e inócuos. Decepcionante e inferior aos outros títulos da carreira da dupla Rachel Esther Sisson & Renato Neumann.

* *A Cidade e o Tempo* — Em progresso constante, o gaúcho Antônio Carlos Textor faz um inventário pictórico de Pôrto Alegre com inegável esmêro e espírito de observação. Ajudado pela foto (boa) de Norberto Lubisco, êle recorda o passado e mostra a cidade atual, afirmando a supremacia da marcha do tempo. Imperdoável: a pernóstica, afetada e redundante narração do texto.

* *A Bôlsa e a Vida* — Tem ares de superprodução, devido à participação, em sua feitura, de cineastas tarimbados como Miguel Borges (co-autor do roteiro) e Walter Lima Júnior (montador). Revela técnica apurada, senso de economia e certo clima.

* *Som e Forma* — Mais conhecido como colaborador habitual de Domingos de Oliveira em comédias urbanas e inconseqüentes, Joaquim Assis incursiona agora, sòzinho, pelo mundo dramático e cruel dos cegos. Como êles vivem, o que pensam e o que desejam nos é contado em 21 minutos de cinema forte e objetivo. Outro filme expressivo da mostra.

* *O Filho de Urbis* e *Urbis* — Enquanto no segundo emprega técnicas

CASA DE FARINHA: O APROVEITAMENTO DA MANDIOCA NO NORDESTE, DOCUMENTADO PELA CÂMARA-VERDADE DE GERALDO SARNO.

(bem mais) modernas de animação, para fixar aspectos da vida nas grandes cidades, no primeiro Stil incorre num despropositado primitivismo gráfico. Valem, contudo, como expressão de uma pesquisa de linguagem própria no difícil campo do *cartoon*.

LITERATURA & MÚSICA

* *A Semana de Arte Moderna* — Passando da ficção *(Ocorrência*, premiado no Festival JB, em 1968) ao documentário, José Rubens Siqueira regrediu. Seu enfoque do movimento modernista impressiona mal pelo desaproveitamento do assunto.

* *Monteiro Lobato* — Matéria-prima excelente, também desperdiçada. Nem momentos da vida do escritor, nem exegese de sua obra, nem apreciação de sua influência ou importância em nossa literatura. Apenas um amontoado de planos insípidos. Único trunfo: os fragmentos da inauguração do primeiro poço de petróleo paulista, em Araquá. Ana Carolina Teixeira Soares e Geraldo Sarno se responsabilizam pelo mau resultado.

* *Cacilda* — Merecia tratamento mais criterioso o itinerário da grande atriz de teatro paulista, desde seus tempos no TBC e de *Floradas na Serra* até *Esperando Godot*. João Cândido, como (quase) todos cineastas amadores, hesitou demais na hora de selecionar o material. Nada a destacar.

JORNAL DO SERTÃO

* *O Homem de Couro* — "O vaqueiro nordestino, sua roupa de couro, seus métodos de trabalho, o aboio com que comanda os animais" são retratados em 22 minutos de cinema forte, límpido, envolvente. A quintessência do cinema-verdade à brasileira. No grupo de Thomas Farkas, Paulo Gil Soares continua a ser, mais que todos os outros companheiros de aventuras, o repórter atento e integrado às coisas do Nordeste.

* *Casa de Farinha* — O mais social dos documentários etnológicos produzidas dentro da série Farkas-70. Geraldo Sarno acompanha com preocupação crítica e seriedade investigativa a mecânica do aproveitamento da mandioca, através de métodos rudimentares, na esfera das populações pobres do Nordeste. A exemplo de *Viramundo* e *Viva Cariri!*, *Casa de Farinha* torna-se, em conseqüência dessa metodologia simultâneamente distanciada e participante, uma análise ampla das condições de vida do país.

* *Visão de Juàzeiro* — Eduardo Escorel funciona melhor montando os filmes alheios *(Terra em Transe, Os Herdeiros)* do que dirigindo os seus próprios. Embora evite os cacoetes do gênero (a entrevista, o insistente apêlo ao pitoresco, a montagem desleixada), não esconde seu aquivocado *parti pris* na visão da cidade do "padim Ciço". Nem tudo, em Juàzeiro, é fanatismo religioso ou indústria do misticismo. Por detrás, existe uma engrenagem que o filme não mostra — nem poderia, em apenas 22 minutos.

* *Rastejador* — A princípio irritante (pela precariedade da ampliação, em côres, de 16 mm para 35 mm), em seguida curioso (devido à dramatização crescente das recordações de Batista, o rastejador) e, finalmente, apaixonante. Sérgio Muniz, com a mesma inspiração com que realizou o admirável *Roda & Outras Histórias*, focaliza com agilidade e minúcia os recursos de que lança mão o homem nordestino em sua luta pela sobrevivência em condições extremamente duras.

OS FORA DE SÉRIE

* *Nélson Cavaquinho* — Excessivamente despojado e amargo êste esbôço de retrato do autor de "A Dama das Camélias" e outras obras-primas da música brasileira. O que não impede a fita de possuir momentos singulares.

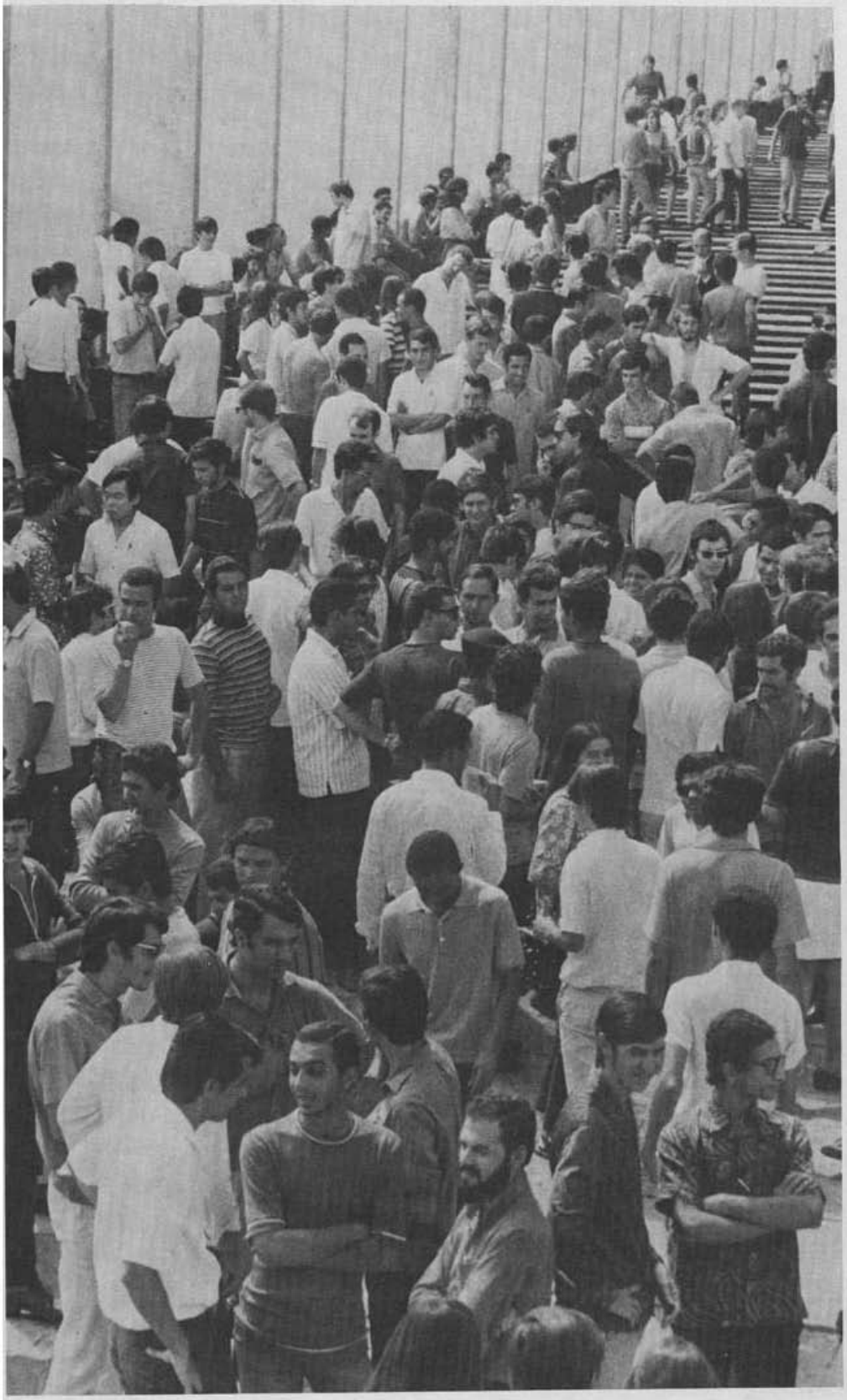
* *A Fiandeira* — O universo das tecedeiras de Minas Gerais, visto através do prisma respeitoso e apurado de Ana Carolina Teixeira Soares. Delicadeza de colorido, preciosismo de montagem, efervescência de inspiração. Uma jóia de *scrittura* cinematográfica.

* *Festas na Bahia de Oxalá* — Os festejos populares, religiosos, do Nosso Senhor do Bonfim, Nossa Senhora dos Navegantes, da Ribeira, registrados com requinte plástico, contemplativismo e ligeireza. O texto de Jorge Amado, lido pelo próprio com empostação monocórdia, quase devasta o trabalho de Rogério Duarte.

* *Rodar Cativo* — O ciclo da roda d'água num velho moinho no interior de Minas Gerais, filmado por Miguel Borges à maneira do Humberto Mauro, de *Engenhos e Usinas*: lirismo, musicalidade, nostalgia. Outro grande injustiçado.

* *Vestibular 70* — Vladimir Carvalho *(A Bolandeira, O Sertão do Rio do Peixe)*, um dos melhores curta-metragistas do país, e Fernando Duarte *(A Grande*

VESTIBULAR 70 MOSTRA O MOMENTO MÁXIMO PARA OS CANDIDATOS À UNIVERSIDADE.



Cidade, A Vida Provisória), um dos melhores fotógrafos do nôvo cinema, uniram-se para mostrar "o momento máximo de tensão" para os candidatos à universidade: o vestibular. Realizado com a colaboração de alunos do Curso de Cinema da Universidade de Brasília, o filme dá uma idéia bastante convincente da guerra por uma vaga.

* *A Companhia Siderúrgica Nacional* — No complexo econômico brasileiro, a Cia. Siderúrgica de Volta Redonda ocupa posição destacada. Nela projeta uma de nossas maiores riquezas: o aço. Didàticamente, com impressionante segurança e objetividade, Sérgio Santeiro descreve o processo por que passa o aço até sua fase final. Houve quem o confundisse, errôneamente, com um comercial bem feito. *A Cia. Siderúrgica*, embora aquém do excelente *O Guesa* (sôbre Sousândrade), não desmerece em nada o talento de seu autor. Lembra, por momentos, os primeiros filmes de encomenda feitos por Resnais.

* *Eu Sou Vida, Eu Não Sou Morte* — Haroldo Marinho Barbosa denota um distanciamento cada vez maior da linha sólida e objetiva de *Copacabana* e *Don Quixote*, surprêsas dos festivais amadores de anos atrás. Influenciado por Jean-Marie Straub *(Nicht Versohnt, Chronik das Anna Madalena Bach)*, êle tenta, neste ensaio entre a ficção e o documentário, uma abertura original em função da dicotomia imagem/texto. O ponto de partida é uma peça em dois atos de Qorpo Santo: traído pela mulher, um homem a retoma do rival pela fôrça, fazendo prevalecer "a ordem, o vínculo matrimonial e a religião". Metafórico, incandescente e desconcertante, *Eu Sou Vida, Eu Não Sou Morte* assume uma dimensão inesperada no contexto do curta-metragem nacional pela recusa de concessões e empenhada procura de soluções formais novas. Embora discutível, o resultado fascina.

OS PRÊMIOS DO FESTIVAL

Constituído por Jean Rouch (presidente de honra), Francisco Luís de Almeida Salles, Jacques do Prado Brandão, Gustavo Dahl, José Carlos Avellar, Ronald Monteiro, Octávio de Faria e Zelito Viana, o Júri de Premiação do I Festival de Curta-Metragem atribuiu as seguintes láureas:

1.º prêmio: *Eu Sou Vida, Eu Não Sou Morte*, de Haroldo Marinho Barbosa. Troféu Humberto Mauro e Cr$ 15 mil.

2.º prêmio: *Vestibular 70*, de Vladimir Carvalho e Fernando Duarte. Troféu Humberto Mauro e Cr$ 10 mil.

3.º prêmio: *Som e Forma*, de Joaquim Assis. Troféu Humberto Mauro e Cr$ 5 mil.

Além dos prêmios oficiais, o júri concedeu menções especiais aos filmes *Visão de Juàzeiro*, de Eduardo Escorel, *Casa de Farinha*, de Geraldo Sarno, e *Nélson Cavaquinho*, de Leon Hirszman.